



QUANDO NUMA PEQUENA LIVRARIA DE BAIRRO ILUMINADA POR UMA LUZ AMARELA... OU, DEAMBULAGENS NA IMPOSSIBILIDADE DE UM ARTIGO DE METODOLOGIA DE PESQUISA

When in a small library illuminated by a yellow light... or, wanderings in the impossibility of an article or research methodology

Mesac Roberto Silveira Jr.

[Os últimos retoques neste texto os faço na Padaria Armazém 47, na Rua da República, 47, Cidade Baixa, Porto Alegre, numa manhã e hora do almoço bastante nubladas do dia 02 de junho de 2019, enquanto ouço uma playlist com diversas canções ultra-românticas do Roberto Carlos da década de 1970. Na sequência, as músicas se derramam dos meus fones de ouvido: Detalhes, Como Dois e Dois, De Tanto Amor, Amada Amante, Como vai você, Por amor, À Distância, Agora Eu Sei, Atitudes, Proposta, O Moço Velho, Palavras, O Portão, Jogo de Damas, Eu Daria Minha Vida, O Show Já Terminou, Custe o que Custar, Eu Disse Adeus, Olha, Os Seus Botões, Pelo Averso, Você me Minha Vida, Um Jeito Estúpido de Te Amar, Nosso Amor, Falando Sério, Cavalgada, Outra Vez, Café da Manhã, Abandono, Esta Tarde Vi Llover, Desabafo, Costumes, As Canções Que Você Fez Pra Mim, Un gato azul.]

01/06/19

06h40: Talvez o melhor mesmo tivesse sido eu ter recusado o convite da Claudia Zanatta para escrever o artigo (mesmo “ensaístico”) com uma desculpa qualquer. Agora está difícilimo me livrar dessa obsessão de escrever, mas também de uma certa impossibilidade.

Acordei há uma hora e ainda na cama fiquei em dando voltas em torno de um novo título para o artigo. Minha cabeça dava voltas e mais voltas até que tive que pular da cama e pegar o laptop e escrever estas linhas enquanto ouvia uma gravação antiga de Carlos Gardel.

Minha playlist aleatória avança tocando *Calle trece*, Fito Paes... e me lembro de ter pensado, minutos antes de levantar, quando ainda não escrevia, em dois novos títulos para o artigo. O primeiro era:

“ESCREVO PARA SABER O QUE EU ESCREVERIA SE ESCREVESSE ESSE ARTIGO”.

Depois pensei outro:

“DEAMBULAGENS EM TORNO DA IMPOSSIBILIDADE DE ESCREVER ESTE ARTIGO”

Este segundo título me pareceu mais acertado; um título que dava mais conta do texto que supostamente viria a seguir. Sim, “DEAMBULAGENS EM TORNO DA IMPOSSIBILIDADE DE ESCREVER ESTE ARTIGO”, me pareceu um título muito apropriado. Foi ele que me levou a pular da cama, pegar o notebook, e começar a escrever.

Eu havia descartado outros títulos, na linha: “PESQUISAS EM ARTES CÊNICAS: POR UMA METODOLOGIA

¹Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-doutor com pesquisa sobre Epistemologias reticulares: o imaginário dionísio, a comunicação e a educação junto a Université Sorbonne Paris.

EM TRÂNSITO”, ou “PESQUISAS EM ARTES CÊNICAS: POR UMA METODOLOGIA EM DEVANEIO” “...À DERIVA”, “...NÔMADE”, “DEVANEANTE”, “...ERRADIA”, “...ANDARILHA”... “...PIRATA”, “...FANTASMA”. Estes títulos eram bem bonitinhos e me tentavam, me tentam. Passam, em verdade, uma ideia quase perfeita do meu empenho aqui. Expressam noções queridas minhas e que podem estar espalhadas pelo artigo, mas não devem, eu acho, aparecer no título. Passam, repito, uma ideia quase perfeita, uma ideia que cheira a um método. O problema está neste “perfeita”. São títulos perfeitos demais, que encerram noções (conceitos?) bastante “redondinhas”. Ou seja, me parecem títulos que, eles mesmos, não estão à deriva, nem em devaneio; não comportam o extravio nem o fantasmal, ao contrário, parece que se cristalizam numa ideia.

Outra possibilidade seria pensar num título em que aparecesse aquilo que chamarei aqui de expressões-devaneios (geografias íntimas, cartografias errantes, territórios existenciais, atlas oníricos, “destinerrâncias” - esta, do Jacques Derri-da...), mas aí que está..., cada vez tenho mais resistência - uma verdadeira limitação, uma impossibilidade! (uma birra?) - em apresentar de forma explícita e racional as ideias (?) que me perpassam e que, digamos, subjazem (me assombam, me embasacam) na minha escrita “acadêmica”.

Portanto, talvez seria melhor deixar aquele título mesmo que eu havia pensado no dia 30/05/19: “ESCRITAS EM TRÂNSITO: deambulagens por uma escrita ainda inexistente”. Mas até este título parece que já não me serve, a despeito da expressão “ainda inexistente”, que tange uma corda que, me parece, está muito perto de voar.

Entretanto, se fosse obrigado hoje, agora, a dar um título; se me encostassem uma pistola na cabeça exigindo um título, acho que me inclinaria para:

“DEAMBULAGENS EM TORNO DA IMPOSSIBILIDADE DE ESCREVER ESTE ARTIGO”

08h13: UhUUUU! Debaixo do chuveiro, finalmente encontro meu título:

QUANDO NUMA PEQUENA LIVRARIA DE BAIRRO ILUMINADA POR UMA LUZ AMARELA... - OU, DEAMBULAGENS NA IMPOSSIBILIDADE DE UM ARTIGO DE METODOLOGIA DE PESQUISA

30/05/19

13h46: Chego no Café do Museu de Arte do Rio Grande do Sul, na Praça da Alfândega, escolho uma mesa ao lado da janela, porque aqui tenho mais luz para a leitura, peço um pedaço da *apfelstrudel* com chantilly e um pingado, quem me atende é a Cyntia. A Cyntia, como eu, também tem dreads no cabelo, fica tão bonito o modo que ela os prende num coque oriental anárquico, retiro dois livros da mochila e os ponho sobre a mesa, também retiro os fones de ouvido AKG, já bem usadinhos, e coloco em cima dos livros, T. S. ELIOT POEMAS, numa edição caprichada da Companhia das Letras, tradução do Caetano W. Galindo.

Oba! Chegaram o doce e o café!

O outro livro é uma robusta e completa edição bilíngue da Odisseia, do Homero, tradução do Trajano Vieira, com mapas e tudo. Já tinha lido Odisseia numa edição de bolso, mas agora fiz questão desta aqui, especialmente diante do devaneio de criar uma Disciplina para o curso de teatro; a disciplina se chamaria Escritas em trânsito, inspirado no encontro Rodas de leitura: a conversa infinita.

Dou umas boas garfadas na torta, bebo golinhos do pingado e me lembro que disse para o Marcos, da livraria Via Sapiens, onde comprei os dois livros há uma hora atrás mais ou menos, que iria escrever em algum Café da cidade o meu artigo ensaístico, que a Claudia Zanatta havia me pedido hoje manhã.

14h21: Me disponho a transcrever o áudio-convite da Claudia, mas antes deixo soar nos meus fones: *Youth*, da banda Daughter. Eu havia falado pro Marcos que ouviria essa banda esta tarde enquanto tomasse um café e lesse trechos dos poemas do T. S. Eliot, “Quando à tarde amadurece um pouco mais na rua / Despertando o apetite da vida em alguns...”, “Se a rua fosse o tempo...”, leio. Leio e me lembro da conversa que tive com o Marcos, umas duas horas atrás, e das anotações que ia fazendo enquanto conversávamos, anotações eivadas de associações que, devaneava, poderiam ser parte do meu artigo ensaístico que pretendia enviar pra Claudia Zanatta. Parte não, anotações que, quem sabe, seriam a mesma “carne” do artigo, sua substância mais íntima. Eis as anotações, incluindo as que fiz quando saí de casa e passei na frente do apartamento em obras em frente do elevador:

Via Sapiens, uma pequena livraria de bairro na rua da República na cidade baixa de POA, brilha com sua iluminação amarelada na manhã chuvosa e escura.....A primeira coisa que ouço hoje quando entro na livraria é um cliente dizer: “Marcos, como fica linda essa tua livraria toda iluminada com essa luz amarela vista lá de fora”.....O Marcos me apresenta a banda Daughter.....Dou uma folheada num livro de poemas do T. S. Eliot.....Digo pro Marcos que os poemas do Elliot harmonizam com a música da banda Daughter que toca no computador do Marcos.....Compro o livro do Eliot, e também Odisseia.....Perambulo pela lembrança do evento Cartas apátridas, que aconteceu no bar Pinacoteca uns dias antes, nele eu li passagens do meu livro.....Mostro pro Marcos a fotografia do evento onde há um barquinho de papel. E no momento que eu mostro a fotografia pro Marcos me dou conta que o barquinho de papel da imagem foi feito por alguém enquanto eu lia meu texto no Cartas apátridas.....

Livraria Via Sapiens iluminada como os quadros do Edward Hopper.....Filme do Wim Wenders com o San Shepard, Estrela solitária.....Sam Shepard.....Sam Shepard + Pati Smith se amando em N York.....a poeta Patti Smith escreve Linha M.....Patti Smith.....Paterson (filme do Jim Jarmusch com poemas do Ron Padgett).....Paris, Texas (também do Wenders, roteiro do Sam Shepard).....As poetas do islam e do freestyle.....Suze e Mika (pedra engastada em pedra / joia em joia) e suas rimas que tentam arrebatá-lo aqui e o agora das asas do tempo. Natália Pagot e o seu instinto e clamores igualmente alados.....Meu itinerário (padaria Armazém 47, daí pra livraria, e depois pegar a comida no Dona Laura, levar a comida pra casa e ir pro Café do MAR-GS. E parece que, hoje, tudo debaixo de chuva).....Minhas coordenadas por esta cidade.....Um pedreiro ouve no rádio “Debaixo dos caracóis...” que dizem que Roberto fez pro Caetano no exílio.....Que me faz lembrar: “É agora, que faço da minha vida sem você...” (com o Fernando Mendes, claro)...E daí pra Peninha, de “Tudo era apenas uma brincadeira e foi crescendo...” é um pulinho...e desembarco em “Viajo porque preciso, volto porque te amo”, filme do Karim Aïnouz..... “Todo pensamento emite um Lance de Dados” (Mallarmé).....

14h59: Acabo de vez com a torta de maçã e o pingado que já tava frio (tudo ao som do álbum in The Dark Woods, do Akira Kosemura, e pitadas do Eliot: “Abril é o mais cruel dos meses, criando / Lilases na terra morta, mesclando : Memória e desejo, atçando / Raízes tardas com chuvas de primavera.”),

e eis o áudio convite da Claudia:

“Mesac, bom dia, querido. Tudo bom? É... entro em contato pelo seguinte: a gente tá fechando é... um número de uma revista... é a revista da pós-graduação, a Contemporânea, lá de Santa Maria, e aí eu queria ver contigo se tu te animas ou teria vontade de escrever a partir do que foi a tua fala lá na Rodas de leitura vinculada à questão da metodologia e tal né... escrever um artigo, pode ser pequeno, com imagens e tal e sobre... o hmm... o que foi conversado... não é tanto sobre o que foi conversado, é como tu pensas essa questão da metodologia, o tema da metodologia é... em artes cênicas, não é... Aí a gente tem um prazo aí, eu vou verificar qual é, mas ah... de repente seria assim bem legal a gente ter isso também mais sistematizado em uma escrita ali de algum modo como uma introdução, não significa que não possa ter o modo como é o livro né, mas, entende, pra os alunos poderem usar também como subsídio a partir de uma referência escrita, de um artigo. Ah... to só pensando aqui. Me avisa então. Um beijo”

15h53: É isso. Esse é o meu “artigo ensaístico”. Paguei a conta e irei pra casa.

31/05/19

07h51: Armazém 47, café da manhã, antes de ir ao Hospital psiquiátrico São Pedro com os estudantes de teatro para encontros teatrais. Releio o pretensão artigo que escrevi ontem para a Claudia e me dou conta que ele pode não atender ao que ela me pediu. Na verdade, eu já sabia disso ontem ao escrever. Não sei mais escrever um artigo, digamos, convencional, acadêmico, sistemático. Não é que eu me recuse, é que eu não sei mais mesmo, como uma limitação que se apoderou de mim. Quando escrevi o livro Metodologias de pesquisa em artes cênicas: um romance - fotos com uma Zenit Polar russa, eu já fora acometido por esta “enfermidade”: a impossibilidade de escrever algo que não seja esse arrojo obsessivo e fracassado de tentar capturar o momento da escrita no mesmo momento em que escrevo. 08h08: Mas esse tempo se esgota, não posso comer e escrever. Ainda mais que hoje faremos um cortejo pelas alas do hospital, e ainda tenho que passar em casa pegar a daturka. Quando me arrojo assim no fluxo inexorável da escrita... é como se eu estivesse tomado, possuído. Pelo quê? Não sei. Pela linguagem?

Talvez esperem de mim algum tipo de teoria sobre uma metodologia. Eu não a tenho.

08h17: Tenho que ir. Mas antes abro o livro do Eliot por acaso: “Zé vive lá na Entrada do Teatro /... Seu pelo é bem ralo, ele é magro e esquelético / Numa pata ele sofre um tremor frenético”.

08h22: Vou. (Dessa vez nem pus trilha sonora nos ouvidos)

12h30: No Café da República, Rua da República, 358, na Cidade Baixa, peço um capuccino com Nutella e procuro a trilha sonora de Estrela Solitária, do Wim Wenders, no YouTube; acho somente aquela bonita cena musical folk num bar da cidadezinha perdida no Oeste. Não era o que procurava. Então ponho pra tocar a trilha de Paris, Texas, do Ry Cooder, “baixada” do Spotify, minha velha conhecida. Lembro-me dos rostos e corpos no hospital psiquiátrico..., da alegria momentânea de alguns olhares cintilantes quando passamos cantando Sonho meu, Sonho meu, vai buscar quem mora longe... A canção da Dona Ivone Lara ecoando pelos corredores antigos. Aqueles olhos e corpos e sorrisos tão perto de nós e, ao mesmo tempo, tão longe. Um homem pede a nossa gaita, outro, a meia-lua..., e o cortejo continua continua continua...

14h05: Agora, este silêncio

[14 de junho de 2019

Enviei ontem o texto pra Claudia Zanatta. Ela respondeu assim o meu e-mail:

“Bom dia! Gostei! Ficou um texto meio partitura. É possível fazer uma leitura “de ouvido”, escutando as músicas.

E o embate com o título também achei bom. Porque ficou uma busca por um modo de dizer que permitisse uma entrada para um tipo de escrita que estava buscando seu próprio modo de dizer, hehe.

E a foto tá bárbara:)

Vou encaminhar.

bj e obrigada!

*A partir desse texto fiquei pensando na palavra artigo. Ela não me desagrada totalmente (como palavra).”

A resposta da Claudia me fez devanear, especialmente o P.S. com asterisco. Talvez, por fim, eu tenha encontrado o meu artigo! - no sentido de quem entra numa loja, num daqueles antigos “armarinhos”... e pede... um artigo -. Talvez eu tenha encontrado o meu artigo, não na linda e iluminada vitrine, mas sim meio que empoeirado e esquecido num rincão qualquer no fundo da pequena livraria de bairro.]